

Internet, feminismos e a possibilidade de unidades provisórias

Internet, feminisms and the possibility of interim units

Internet, feminismo y la posibilidad de unidades provisionales

Maíra Kubík Mano | mairakubik@gmail.com

Universidade Federal da Bahia, Departamento de Ciência Política. Salvador, BA, Brasil.

Resumo

As recentes mobilizações feministas pela internet trazem à tona a possibilidade de voltar a pensar nas mulheres como um campo político.

Palavras-chave: Feminismo; blogs; identidades.

Abstract

Recent feminist mobilizations over the Internet bring up the possibility of thinking once again on women as a political field.

Keywords: Feminism; blogs; identities.

Resumen

Recientes movilizaciones feministas a través de internet trajeron la posibilidad de pensar de nuevo en las mujeres como un campo político.

Palabras clave: Feminismo; blogs; identidades.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Declaração de conflito de interesses: Não há conflito de interesses.

Fontes de financiamentos: Não houve agência financiadora.

Considerações éticas: A autora integrou um dos coletivos citados, o Blogueiras Feministas.

Agradecimento/Contribuições adicionais: À Hailey Kaas (Transfeminismo.com), Tâmara Freire (FemMeterna), Bianca Cardoso (Blogueiras Feministas) e Charô Nunes (Blogueiras Negras) pelas entrevistas.

Histórico do artigo: Submetido: 24.nov.2015 | Aceito: 30.nov.2015 | Publicado: 20.dez.2015.

Licença: CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (download), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciiis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

O movimento feminista existe, está vivo, atuante e conectado. Essa constatação pode ser comprovada a partir de ao menos dois eventos recentes que provocaram debates intensos: a *hashtag* #primeiroassédioⁱ, que se espalhou rapidamente pela internet com milhares de depoimentos comoventes em resposta a certos comentáriosⁱⁱ sobre a edição infantil do programa de TV Masterchef, e as reações *online* à prova de 2015 do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), que trouxe uma questão citando Simone de Beauvoir – “ninguém nasce mulher, torna-se” – e teve como tema da redação a persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira.

Podemos agregar a esses acontecimentos um terceiro: as passeatas nas maiores cidades brasileiras contra o Projeto de Lei 5069/2013, de autoria do deputado federal Eduardo Cunha (PMDB/RJ), que, entre outras medidas, propõe penalizar, com 5 a 10 anos de prisão, profissionais de saúde que realizarem o atendimento de vítimas de violência sexual conforme previsto na lei 12.845/2013, ou seja, disponibilizando a “pílula do dia seguinte”, método de contracepção de emergência.

Em comum a essas três mobilizações recentes está a internet como instrumento que propiciou e potencializou a convergência de pessoas e pontos de vista.

Nos anos 1990, a internet começou a se popularizar pouco depois do surgimento do conceito de “terceira onda” do feminismo², que trazia discursos múltiplos e interseccionaisⁱⁱⁱ. Com a chamada internet 2.0, as jovens feministas, protagonistas desse novo momento, tomaram a palavra para “falar das contradições das experiências como jovens mulheres e como feministas formadas pelas teorias pós-modernas, multiculturalistas e *queer*”³. E os blogs tornaram-se uma das ferramentas fundamentais para expor essas “escritas de si”, para dialogar com Michel Foucault⁴. A multiplicidade dos relatos⁵ parecia então ser uma resposta dispersa e plural à síntese das narrativas do século XX, entre elas a do próprio feminismo, que em sua segunda onda era majoritariamente branco, com poder aquisitivo elevado e concentrado na Europa e nos Estados Unidos.

Desde 2011, porém, já observamos algumas experiências de convergência desses muitos discursos com o que eu chamo de “blogs coletivos”, tais como as Blogueiras Feministas, as Blogueiras Negras, o Transfeminismo. com e o FemMaterna⁶, em que diferentes autoras contribuem com um mesmo espaço. Uma reunião das multiplicidades, por assim dizer, reforçada, mas também tensionada pelo *boom* das redes sociais.

Nesse período, verificamos também uma transposição do espaço virtual para as ruas, com a Marcha das Vadias, cuja primeira edição foi em 2011, e no início de 2013 – ou seja, antes das jornadas de junho –, com a campanha que demandava a saída do deputado federal Marco Feliciano (PSC/SP) da presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal. É essa convergência que (re)aparece nas ações comuns recentes, como a adesão à campanha do #primeiroassédio e os protestos contra Cunha, aparentemente em um crescente no que diz respeito ao volume da participação.

Tais ações conjuntas, longe de serem uma nova proposta de síntese do feminismo ou uma retomada da ideia de sororidade, conceito que há tempos foi desmontado pelas mulheres negras, talvez sejam pontos temporários de encontro de mulheres, no plural, sem qualquer significação totalizante ou fechada desse sujeito, e inter cruzado pelas questões identitárias e de classe e raça/etnia, tendo na internet, por sua própria dinâmica, a ferramenta fundamental de articulação. Pode ser a materialização do que Judith Butler,

i O texto foi submetido antes da *hashtag* #meuamigosecreto, que também integra o fenômeno aqui analisado.

ii Em geral, os comentários eram para “declarar” a atração física de espectadores por uma participante de 12 anos. De acordo com as criadoras da campanha #primeiroassedio, foi “um movimento catártico e gigantesco de mulheres que, por meio de tweets, compartilhavam histórias dos primeiros assédios vividos. Elas nos ajudaram a mostrar que o que aconteceu com a chef jr de 12 anos não era um ponto fora da curva. Pelo contrário, é a realidade cruel, mas muito verdadeira de milhares de meninas brasileiras” (FARIA; BELLO, 2015).¹

iii Temos, dentro de uma perspectiva histórica linear, duas ondas anteriores: a do final do século XIX e início do XX, em que as sufragistas exigiam a cidadania política, enquanto as comunistas, socialistas e anarquistas lutavam por transformações estruturais; e a dos anos 1960 e 1970, cujo lema principal era “o pessoal é político”.

filósofa referência da terceira onda do feminismo, propôs para o feminismo como um campo de diferenças “indesignável, que não pode ser totalizado ou resumido por uma categoria de identidade descritiva [mulheres], então o próprio termo [mulher] se torna um lugar de permanente abertura e re-significação”⁷.

Referências

1. Walker R. *Becoming the Third Wave*. Ms. Arlington; 1991.
2. Rubin L, Nemeroff C. *Feminism's Third Wave*. *Women & Therapy*. 2001; 23(2):91-104.
3. Foucault M. *A coragem da verdade*. São Paulo: Martins Fontes; 2011.
4. Synder C. *What Is Third-Wave Feminism? A New Directions Essay*. *Signs*, Chicago: The University of Chicago Press; 2008, 34(1):175-196.
5. Mano M. *La possibilité d'unité: une analyse de blogs féministes au Brésil*. Comunicação no Colóquio Féminismes du XX lème siècle. Université Cergy-Pontoise e Université Paris Diderot. Paris; 2014.
6. Butler J. *Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do 'pós-modernismo*. Cad Pagu. Campinas; 1998, 22-28.
7. Faria J, Bello. *A internet odeia as mulheres e ninguém vê problema nisso*. Blog do Sakamoto; 2015. [citado 23 nov 2015]. Disponível em: <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/11/02/a-internet-odeia-as-mulheres-e-ninguem-ve-problema-nisso/>